

Todos só querem direitos, esquecem deveres

GAZETA MERCANTIL

2 JUL 1987

ANC p 4

Frantisek Hahl Jr. (*)

Como já se passaram alguns meses do meu último artigo, gostaria de refrescar a memória da que eles que logo votarão a nossa Carta Magna e que porventura tomaram botelhas de vinho podre de algum "ismo" retrógrado, servido por muitos caolhos que germinaram, cresceram e vicejaram sob ditadura, e hoje não sabem como conviver com a democracia.

Senão, vejamos. O artigo 1º do anteprojeto da nova Constituição diz algo como: "Todos têm direito a alimentação, moradia, vestimenta, transporte, educa-



ção, saúde, etc.", mas não diz donde tudo isto virá. Se começasse por exemplo como "Todos têm direito a trabalho, para que possam ter alimentação, moradia, etc." ainda daria para se compreender. Mas do jeito como foi posto, é bom que sejam fechadas as fronteiras do Brasil, senão vamos ter invasão dos parasitas estatais, que o Gorbachev, do lado de lá, quer convencer de que devem trabalhar.

E aqui chegamos ao busilis do nosso problema: Por que o Brasil, que é tão rico, tão bem aquinhoado com a terra, clima (deixemos pra lá alguma seca ou inundação, que em outras partes do planeta Terra é um pouco pior) e tudo mais, está nessa situação?

E porque todos pensam em ter direitos e se esquecem de que antes dos direitos vêm os deveres. Como é que se pensa em comer, ou melhor dividir o pão, e se esquece de fazê-lo primeiro. E antes disso, preparar a massa; e antes, trazer o trigo; e antes, plantá-lo, arando a terra antecipadamente. E porque todos pensam (isto é, todos que pensam assim) que o governo é Deus (não se diz que Deus é brasileiro? — coitado), e que, fazendo leis, tudo aparece sozinho, como os "jetons" e as mordomias da nomenclatura de lá e de cá. E se não der, aumentem-se os impostos (em vez de reduzi-los, para deslanchar a economia e acabar com a corrupção), faz-se a "tablita" de uma mão só, instituem-se compulsórios.

E para o povo a nova Constituição, só com direitos e demagogicamente sem os deveres. "Se não tem pão, vamos dar a eles brioches", isto foi que a Maria Antonieta pensava antes de ter sua linda cabecinha separada do resto do corpo.

Por que será que primeiro tem de chegar o pior, para depois se tentar salvar o que resta? E porque ninguém quer perder a boa vida e assim, para mantê-la, "esquece-se" de dizer ao povo, em alto e bom som: "Temos de trabalhar". Nem os políticos da posição nem da oposição, e muito menos os líderes grevistas, que se escudam atrás de órgãos ilibados, para melhor dilapidá-los (como era no caso da greve dos marajás do BB), ou então atrás das "massas de manobra",

que sofrem na própria pele a insensatez de seus falsos profetas. Dizem, isto sim: "Façamos a greve que o governo nos dá, todos têm direito...", e escondem o fato de que nada sai dos bolsos deles, nem do governo, pois a riqueza é gerada pelo trabalhador e não por quem distribui — este só "administra" o que foi produzido, e pois só consome. Conseqüentemente, tudo que é dado a mais para alguns é decerto tirado de outros, e no fundo deles mesmos. Nada se cria por si só. Assim, toda e qualquer inversão da ordem correta — deveres primeiro e depois os direitos — só pode trazer prejuízo a todos. "E pur si muove."

(*) Engenheiro, diretor da Mútua Assessoria.